

**BRICOLEUR E SONHADOR: PERSONAGENS DAS DESCONEXÕES
ENTRE URBANISMO E URBANIZAÇÃO EM GOIÂNIA**

WILTON DE ARAUJO MEDEIROS¹

Resumo

O texto a seguir apresenta algumas interpretações possíveis sobre a desconexão entre urbanismo e urbanização na cidade de Goiânia. Tais como o trato pessoal do fundador e Interventor Pedro Ludovico Teixeira na configuração inicial da cidade em construção (1933-1938), o surgimento dos loteamentos e a consequente perda de qualidade urbanística na cidade como um todo, e os personagens e os acontecimentos inter-relacionados (1938-1957).

O *Bricoleur* de sonhos e pensador de conceitos: origens de Goiânia como trato pessoal de seu fundador Pedro Ludovico Teixeira

Em Pedro Ludovico Teixeira, o *bricoleur* de sonhos e desejos de fundação de Goiânia, mistura-se com o pensador de conceitos que planeja esta cidade. Trata-se de duas instâncias que, em Lévi-Strauss, estão abruptamente separadas. Já em Pedro Ludovico, estas instâncias podem interpenetrar-se ou apresentar-se de modo isolado, conforme o interesse do momento.

As primeiras cinco décadas da história de Goiânia são marcadas pelo modo “biográfico” como são construídas suas narrativas. O livro *Como nasceu Goiânia*, publicação oficial (Ver Figura 1) que narra e descreve o surgimento da cidade nos seus primeiros cinco anos de existência (1933 a 1938), parece fazer um paralelo entre o surgimento de uma cidade e o nascimento de uma pessoa. Ao iniciar o livro, Ofélia Monteiro dá o tom de “ilusão biográfica”:

A idéia da necessidade da mudança da capital ele a tem desde menino. E assim que, estudando geografia notou que a população da capital de Goyaz era tresvezes menor que a de Cuiabá, a menos populosa das outras capitais brasileiras. Sentiu-se chocado por tão grande inferioridade. Porque seu estado natal estava tão na retaguarda dos seus irmãos? Não é rico seu solo? As riquezas do sub-solo goiano não são magníficas? Não possui ele extensas e férteis terras? Florestas

¹Doutor em História, professor na Universidade Estadual de Goiás.

opulentas? Então, porque essa pobreza? E a principal causa de tudo isso se lhe apresentou: - era necessário transferir a capital para outro ponto do Estado, para um local mais acessível. E assim sempre pensou (p. 19).

Ao estabelecer a temporalidade pessoal como forma de inscrever a temporalidade urbana, a autora organiza no nível da escrita o inanimado como animado. Desse modo, a cidade que existia há apenas cinco anos, parece ter existido desde “sempre”. Como mostra GOMES (2004: 11), uma história organizada como uma vida transcorre segundo uma ordem cronológica que também é uma ordem lógica, no duplo sentido de ponto de partida, de início, mas também de princípio, de razão de ser, de causa primeira, até seu término, que também é um objetivo.

Castro (1995: 10-11) diz que há uma considerável margem de manobra para a formulação de projetos individuais e coletivos – projetos conscientes, e não construções que, vindas do passado, eram recebidas mais ou menos prontas e sem se saber ao certo por quê. Por isso, Velho (1987; 1994), baseado em Shutz, desenvolve a noção de projeto – conduta organizada para atingir objetivos específicos enfatizando o caráter consciente da ação; ou seja, uma ação nem totalmente racional nem totalmente inconsciente, mas sim um instrumento básico para a negociação da realidade e a construção de identidades sociais.

Para Gomes (2004: 80), as trajetórias de indivíduos e grupos caracterizam esforços de reunião e de demarcação de identidades, associando-se a determinados momentos e eventos às características-projetos de sua produção intelectual. De maneira mais operacional, o que se procura é mapear as ideias, os valores e os comportamentos que alicerçam a formação de grupos intelectuais, objetivando compreender melhor as genealogias que então são inventadas, os formatos organizacionais que são eleitos e as características estéticas e políticas dos projetos formulados.

Este é o caso de Pedro Ludovico Teixeira, personagem que, para Monteiro (1938) tinha a ideia da necessidade da mudança da capital goiana “desde menino”. Em suas memórias (Ver Figura 2), publicadas em 1973, Teixeira reconstitui a sua formação intelectual:

As ruas do Ouvidor e Gonçalves Dias eram os pontos obrigatórios de lazer, para lá convergindo os que procuravam distração, não só vendo a multidão que passava, como observando os homens e as mulheres bem trajados, que podiam ter uma vida mais amena. Ponto de freqüência predileta era a Confeitaria Colombo. Até as 5 horas da tarde viam-se ali pessoas de toda a espécie. Depois das 5

apareciam a jeunesse Dorée os intelectuais. (...) Lá estávamos quase diariamente, olhando os seus habitués – Olavo Bilac, Emilio Menezes, Lima Barreto, Ataulfo de Paiva, Gotuzzo e outros, e discutindo o realismo de Balzac e Zola, focalizando os seus livros, como a Comédia Humana, A mulher de trinta anos, o J'accuse sobre o processo de Dreifus; Vargas Villa (TEIXEIRA, 1973:15).

Esse relato autobiográfico de Teixeira é contextualizado na análise de Veloso e Madeira (1999: 78; 80) mostrando que esse tipo de “vida intelectual” do Rio de Janeiro de 1900, apesar de ter se complexificado muito, não gozava de autonomia institucional, e continuava reduzida e limitada, oferecendo poucas opções para os que se encaminhavam para a literatura ou para o pensamento social e político. Por isso, como Teixeira, não era incomum que se procurasse “espaços menos oficiais e mais mundanos”.

Uma das razões pela qual Teixeira procurou se construir como um intelectual é porque, do mesmo modo que os “sociógrafos”, poderia escrever seu envolvimento patriótico, e, juntamente com outros intelectuais brasileiros estruturar a existência do *nation-building*². Para Lilia Schwarcs (1993: 34) a elite letrada brasileira estava eivada de um cientificismo difuso que se espalhou como um senso comum por meio da literatura, mas também teria ecoado dos grandes programas de higienização e saneamento como os de Oswaldo Cruz, Miguel Couto e Miguel Pereira. Estes últimos apregoavam o chamado “saneamento rural” do país (LIMA e HOCHMAN, 1996).

Miguel Couto e Miguel Pereira foram professores de Pedro Ludovico Teixeira na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Nesse contexto, através do discurso higienista, crescia o prestígio do médico e do engenheiro, cuja nova retórica científica é desenvolvida pelo viés positivista durante a república. Lima e Hochman (1996:32) mostram que atuando contra o beletismo artificial dos bacharéis, a ciência, especialmente a medicina vai ter um papel chave na nova organização nacional, abrindo espaço profissional mas também político na “república das letras”.

Desde Varnhagen e a publicação de seu *Memorial Orgânico*, e posteriormente com a geração romântica, uma boa parte dos intelectuais passaram a adotar a idéia de que havia um Brasil verdadeiro, um Brasil original, um Brasil puro, aquele do interior, do sertão, da *hinterland*, impermeável às influências externas, conservando em estado natural os traços

² Segundo Souza (1997: 22;23), um “sociógrafo” anota com o cuidado de quem depois formula um parecer, avaliando os rumos futuros da Nação.

nacionais. Curiosamente, essa pureza da hinterlândia seria própria para instalar a civilização europeia. A nova retórica cientificista vai romper com o subjetivismo romântico, e tal como Teixeira procurou mostrar no Relatório a Getúlio Vargas escrito em 1933, através de dados empíricos coletados pelos médicos operou-se fundamentalmente a descoberta de um “Brasil real”, propício para “desenvolvimento geral do Estado”.

Ressalta-se aqui essa trajetória do “homem de ciência”, porque é como intelectual que Teixeira fortalecerá e nutrirá em boa medida a atividade prática de homem político. Assim, não é por acaso que Pedro Ludovico, o representante de Vargas em Goiás desde 1930 até 1945, vai também ocupar a cadeira nº 1, tanto da Academia Goiana de Letras quanto do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, bem como será conhecido como o maior incentivador de uma plêiade de novos intelectuais goianos³.

O modo como Teixeira se constrói como intelectual funde dois personagens em um só: médico e político. Neste caso, não se trata da identidade do *self*, definida em termos culturais, mas do papel que ocupa, isto é, pelas relações que se estabelecem no grupo em função das expectativas de comportamento associadas às posições ocupadas neste grupo. (SARBIN, 1986 apud PAIVA, 2007: 78). Porém, são essas relações e as posições ocupadas que o identificam, favorecendo a personificar-se, mais do que médico e político, como fundador da nova capital.

Ao narrar sobre a transferência de residência de Teixeira para Goiânia, Monteiro (1938: 317) ressalta a personificação do personagem “o sr. Dr. Pedro Ludovico transferiu, hoje, a sua residência para Goiânia – a nova Capital, afim de administrar, pessoalmente, os serviços da construção daquela metrópole”.

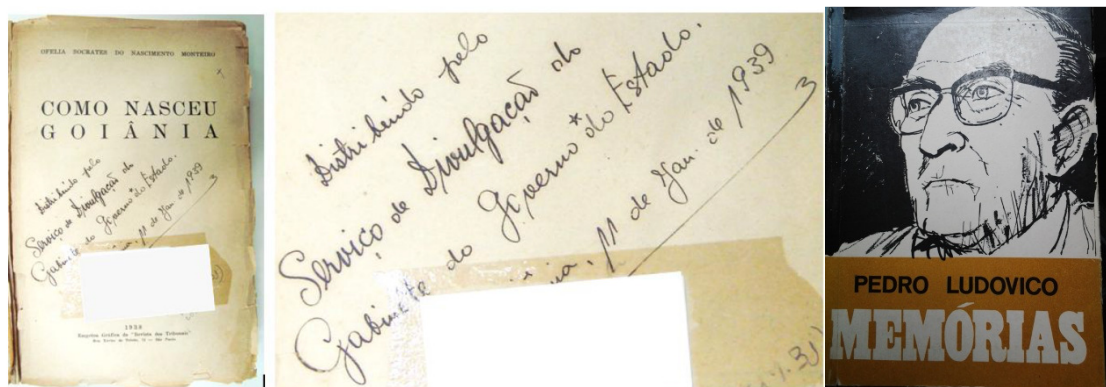


Figura 1: Publicação Oficial *Como nasceu Goiânia* (1938), autora: Ofélia Sócrates Monteiro. Imagem: Acervo do autor.

³ (REVISTA OESTE, 2001: 15).



Figura 2: Capa do livro *Memórias* (1973); autoria: Pedro Ludovico. Imagem: Acervo do autor.

Em seu livro de *Memórias*, Teixeira mostra várias vezes a sua trajetória como Interventor Federal em Goiás, enquanto manobra para a formulação de seu projeto pessoal de fundador da urbe – embora se apresente nos relatórios enviados a Vargas como um intelectual de qualificado raciocínio lógico e científico na apresentação dos problemas e soluções do Estado, capacidade esta que o qualifica também como dirigente para inserir o sertão no concerto da nação e da civilização, precisamente pela materialização do urbanismo e da urbanização. Diz Teixeira (1973):

Tinha um sargento que era encarregado desse mister, obrigado a me apresentar, diariamente, relatório do que se passava em todas as construções. Eu próprio as visitava e queria saber do seu andamento. Até as latas vazias de gasolina eram guardadas, para controle do que se despendia no transporte;

Um engenheiro que viera do Rio de Janeiro para trabalhar em Goiânia não quis continuar e me declarou que o fazia por dois motivos: primeiro, devido ao rigor no excesso de fiscalização, a que não estava habituado, e, segundo, pelo seu ordenado, que era pequeno, obrigando-o a levar uma vida sem conforto, sem distrações.

Tenho um programa de realização para este ano [1936], no que se refere a nova Capital, e quero levá-lo a efeito. Já ordenei aos engenheiros Coimbra Bueno, contratados para dirigirem a construção de Goiânia, atacar os serviços de edificação (Páginas: 64-65 e 140).

Como se vê nas citações acima, Teixeira imiscui a sua biografia à história da construção da cidade. Mostra inclusive o seu envolvimento pessoal na demissão de Atílio Correia Lima [um engenheiro que viera do Rio de Janeiro para trabalhar em Goiânia] da coordenação dos projetos urbanos, e admissão dos engenheiros Coimbra Bueno.

Com o decorrer da construção da cidade, as imbricações entre pensamentos conceituais abstratos e decisões pessoais resultaram em formas espaciais muitas vezes desconexas e contraditórias. O *Bricoleur* e o conceitual como pólos que não se misturam na teoria de Lévi-Strauss, na prática Ludoviquiana, desfazem-se inteiramente, fazendo com que no trato pessoal em face do discurso do mercado e das comunidades a urbanização muitas

vezes suplante o urbanismo clássico. Isso ocorreu, por exemplo, no trato pessoal entre Teixeira e os engenheiros Coimbra Bueno, com consequências na consolidação da primazia dada à urbanização ante o urbanismo.

Desconexões urbanas a partir do sonhador Jerônimo Coimbra Bueno

O modo como Jerônimo Coimbra Bueno é inserido no processo de construção da nova capital de Goiás, é outra dentre as inúmeras vezes em que Pedro Ludovico Teixeira fez com que o trato pessoal prevalecesse sobre os procedimentos públicos. Contratou, em 1934, os seus primos Jeronimo e Abelardo Coimbra Bueno, os quais haviam se formado em Engenharia Civil na Escola Politécnica do Rio de Janeiro em 1933. Quando os engenheiros primos de Teixeira vieram morar e trabalhar em Goiânia, Attilio Correia Lima ainda coordenava os projetos urbanos da nova capital. Porém, no ano seguinte, conforme visto no livro de memórias de Teixeira, o mesmo desistiu dos trabalhos em Goiânia, tendo retornado ao Rio de Janeiro.

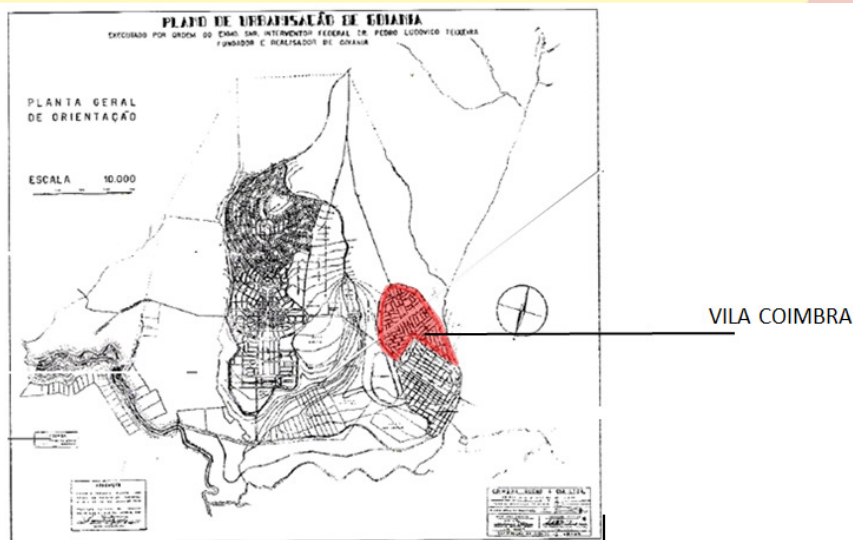
Ora, uma das maneiras encontradas por Teixeira para contornar o problema dos baixos salários, foi remunerar os Bueno com grandes áreas de terras situadas entre Goiânia – o núcleo projetado por Attilio –, e o antigo núcleo urbano de Campinas. Desse modo, inaugurava-se o padrão morfológico de expansão da cidade, cujo processo de urbanização foi determinado pelo surgimento de inúmeros loteamentos. Os engenheiros Coimbra Bueno efetuaram o desenho do loteamento denominado Vila Coimbra (Ver figura 3, abaixo), o qual nada mais era do que uma planta sem qualquer filiação a princípios urbanísticos, e sem previsão de instalação de infra-estrutura urbana.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL



Com a inserção da Vila Coimbra, o projeto urbano de Goiânia passou a ser pautado menos por diretrizes urbanísticas do que como um programa construtivo. Como mostra Álvares (1942: 176) os Bueno formularam um “arcabouço para a evolução natural e progressiva da cidade”, concebendo a cidade por “setores”, os quais corresponderiam a etapas construtivas:

A cidade será dividida em quatro setores: Central, Norte, Sul e oeste. A razão de ser desta divisão se prende a estabelecer as etapas para o desenvolvimento da cidade. Assim, as construções só serão, inicialmente, feitas nos setores “Central” e “Norte”. Seis anos mais tarde, poderão se iniciar construções no Setor “Sul”, e, só posteriormente, no “Oeste” (Trecho do relatório do ano de 1936, apresentado em Março de 1937, ao Diretor Geral da Fazenda – apud ALVARES, 1942: 27).

No novo traçado da cidade, o qual passou a ser justaposição e somatória de plantas, as partes que compunham o conjuntopassaram na prática a assinalar setores a serem construídos, aparecendo a Vila Coimbra, como a primeira área privada anexa à toda a área de cidade que pertencia ao Estado, sendo o primeiro loteamento privado dentre os inúmeros loteamentos que futuramente iriam caracterizar a malha urbana.

Esse estado de coisas em que hora prevalece bricolagem pessoal, hora o discurso cientificista oficial, acabou sendo interessante para todos esses personagens inicialmente envolvidos com a construção da cidade. Correia Lima, continuou sendo oficialmente o autor

do projeto de Goiânia e até foi homenageado oficialmente em 1942, durante a inauguração da nova capital; os Coimbra Bueno notabilizaram-se como urbanizadores da cidade e Pedro Ludovico conseguiu tirar proveito do capital simbólico em torno do nome dos urbanistas que haviam trabalhado para os Coimbra Bueno – principalmente Armando Godói –, mas sobretudo conseguiu que a cidade estivesse edificada em fins de 1938, a partir da qual podia governar o Estado, sendo ela própria a concretização de seus conceitos e argumentos.

Em 1938 os engenheiros Coimbra Bueno retornam ao Rio de Janeiro, onde continuam a trabalhar na sede de sua empresa. Jeronimo Bueno, contudo, retorna a Goiânia nove anos depois. Findo o Estado Novo e iniciado o processo de redemocratização no Brasil, Vargas e seus interventores são depostos, em 1946 ocorrem eleições diretas para Governador prefeito e Deputados. Jeronimo Bueno é eleito Governador de Goiás.

Durante o período em que foi governador de Goiás (1947 a 1950), Coimbra Bueno participou, concomitantemente, como membro da Comissão de Estudos para Localização da Nova Capital (Comissão Polli Coelho). Cumprindo essas duas funções públicas ao mesmo tempo, o então Governador teve a oportunidade de colocar em prática o “neo-bandeirismo” que propôs quando lançou a Cruzada Rumo ao Oeste.

Para Silva (1997: 41) a ideologia mudancista de Bueno o coloca no tipo social do sonhador, ou seja, aquele cuja realidade o condena a um segundo plano. Sobre o olhar deslocado do urbanismo em detrimento da urbanização, como Governador Bueno acresce o olhar excêntrico ao espaço intra-urbano, ao priorizar politicamente o interior do Estado e o Planalto Central. Desse modo aguçava ainda mais a esgarçada relação entre urbanismo e urbanização. A cidade concebida originalmente pelo urbanismo de Attilio Correia Lima torna-se ainda mais frágil, como espaço qualificado, passando a ser uma colcha de retalhos formada pelos novos loteamentos, cujas conexões sem planejamento apresentam inúmeros problemas urbanos.

Em julho de 1950 Bueno renunciou ao governo, pronunciando um discurso que foi publicado pelo diário Oficial, inteiramente condizente com os discursos mudancistas que almejaram a transferência da capital federal para o Planalto Central, inclusive no aspecto de novas colonizações:

Dezenas de milhares têm buscado nossa terra para aqui se radicarem, e da corrente imigratória que ensaiava os seus primeiros passos numa nova arrancada

de povoamento do solo pátrio, mas que infelizmente foi e vem sendo perturbada pela ação deletéria de maus brasileiros (Diário Oficial: 15/07/1950).

Os maus brasileiros a quem Bueno se refere, seriam todos aqueles que se opunham ao seu modo “sonhador” de atuação, muito preocupado em incentivar os processos de migração, porem sem qualquer planejamento urbano que qualificasse os espaços públicos, a infraestrutura urbana, além de outras questões como transportes e industrialização.

Por outro lado, desde que foi criada, a Prefeitura de Goiânia sempre teve uma atuação inexpressiva quanto à gestão da cidade – já que o Governo do Estado tomava todas as decisões, como mostrei acima, muitas vezes até de modo pessoal e destituído de qualquer fundamento urbanístico, ou talvez priorizando o discurso do mercado de terras. Em 1949 o prefeito Eurico Viana assina o decreto Lei nº 176 que possibilitou uma explosão de desenhos e registros de novos loteamentos, cerca de duzentos, os quais foram incorporados à zona urbana sem qualquer qualificação urbanística e de infraestrutura, multiplicando a lógica urbanizadora no decorrer dos anos de 1950.

Considerações finais

Há diversos outros personagens e questões que inter-relacionadas ou não, contribuíram para que a capital do estado de Goiás fosse se configurando como uma malha urbana em “mancha de óleo”, esparsa, desconexa, grande metrópole espargida pelo urbano. Por exemplo, o grande número de migrantes que foram se apropriando de áreas publicas e fundos de vales é marcante na morfologia e na paisagem urbana. Outro exemplo é a prefeitura como um grande ausente nos rumos do planejamento e gestão urbanos. Também é relevante observar a ausência de outras instituições como a universidade e o Clube de Engenharia como lugares onde poderiam ter a reunião de urbanistas e discussões sobre urbanismo. E, por fim, seja como instituição seja como tema em discussão, o urbanismo talvez seja a mais marcante ausência de todas.

Nesse texto pudemos ver que o modo personalista de ação de personagens importantes da história de Goiânia também desfavoreceu o urbanismo, na medida em que na escala intraurbana fizeram prevalecer a urbanização através do desenho de inúmeros loteamentos. E,



na escala regional, o olhar excêntrico também retardou a melhor ordenação urbana da colcha de retalhos formada por esses loteamentos.

No final dos anos de 1950, talvez ainda mais urgente do que retomar o urbanismo como um elemento fundante da cidade, seria dar à Prefeitura uma identidade. Ainda mais urgente do que encontrar “explicações narrativas” que pudessem situar as especificidades do urbanismo na narrativa histórica, seria situar a Prefeitura de Goiânia como possibilidade de consciência histórica, elaborando-a para além da circularidade que a havia constituído como um simples adendo do Governo do Estado.

Como diz Rüsen (2001: 31), “as carências de orientação no tempo são transformadas em interesses precisos no conhecimento histórico na medida em que são interpretadas como necessidade de uma reflexão específica sobre o passado”. A partir do início dos anos de 1960, em Goiânia, reduzem-se as preocupações com o evento de Brasília e toda a mudança regional que provocou, bem como com o lugar que a mesma passaria a ocupar na promoção do desenvolvimento da região. O foco das problemáticas da urbanização passará a incidir sobre a cidade em seus próprios termos. Esta cidade, esgarçada, precisava de soluções acerca de rejunctes e reconfigurações. Novos personagens surgirão a falar de uma cidade que precisaria renascer ou vir à existência pelo viés do “cuidar de si”, reconfigurando-se, reconstituindo-se como identidade interna.

REFERENCIAS:

ÁLVARES, Geraldo Teixeira. A luta na epopéia de Goiânia: uma obra da engenharia nacional – Documentário histórico; técnico; descritivo – Contribuição ao “Batismo cultural de Goiânia”, no 8º Congresso Brasileiro de Educação e 2ª Exposição de Educação, Cartografia e Estatística. Rio de Janeiro: Of. Graf. do Jornal do Brasil, 1942.

CASTRO, Celso. Os militares e a República. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

Diário Oficial (15/07/1950)

LIMA, Nísia Trindade e HOCHMAN, Gilberto. Condenado pela raça, absolvido pela medicina: o Brasil descoberto pelo Movimento Sanitarista da Primeira Republica. In: MAIO, Marcos Chor e SANTOS, Ricardo Ventura. Raça, ciência e sociedade. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1996.

GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In Escrita de si, escrita da História. GOMES, A. de C (Org.). Rio de Janeiro: Editora da FVG, 2004.



MONTEIRO, Ofélia Sócrates. Como nasceu Goiânia. São Paulo: Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais, 1938.

RÜSEN, Jörn. Razão histórica: teoria da história: fundamentos da ciência histórica. Brasília: Editora Universidade de Brasília. 2001.

_____. Reconstrução do passado. Brasília: Editora Universidade de Brasília. 2007.

SARBIN, Theodore R. (Org.). The storied nature of human conduct. New York: Praeger, 1986.

PAIVA, Geraldo José de. Identidade psicossocial e pessoal como questão contemporânea. In: PSICO - Porto Alegre, PUCRS, v. 38, n. 1, pp. 77-84, jan./abr, 2007.

Revista Oeste. FacSimile em DVD. Goiania: Agepel, 2010.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil. 1870 – 1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVA, Luís Sérgio Duarte da. A construção de Brasília: modernidade e periferia. Goiânia: UFG, 1997.

SOUZA, Candice Vidal e. A pátria geográfica: sertão e litoral no pensamento social brasileiro. Goiânia: Editora da UFG, 1997.

TEIXEIRA, P. L. Memórias. Goiânia: Livraria Editora Cultura Goiana, 1973.

VELHO, Gilberto. Individualismo e Cultura. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

VELOSO, Mariza e MADEIRA, Angélica. Leituras brasileiras: itinerários no pensamento social e na literatura. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1999.